

Da Gripe Espanhola à Covid-19

histórico das pandemias dos séculos XX e XXI e impactos da pandemia do coronavírus

Ian Pogan
Sebastião Gonçalves Feitosa

Resumo

O presente artigo busca discorrer sobre o curso das pandemias nos séculos XX e XXI, especialmente sobre os impactos gerados pela pandemia do Coronavírus. Para uma compreensão parcial das dimensões da Pandemia de Covid-19, se faz necessário contextualizá-la historicamente. A primeira grande pandemia do século XX foi a Gripe Espanhola, que assolou o mundo nas décadas de 1910 e 1920 e inaugurou uma nova era das epidemias. O século XX testemunhou um aumento considerável da incidência de epidemias ao redor do mundo em comparação com outras épocas, e assim seguiu também no século XXI. Em outra monta, os avanços da tecnologia e da medicina possibilitaram meios de controle epidemiológico, de tratamento e cura dessas doenças. O impacto da tecnologia não somente contribuiu na área médica, mas teve profundo impacto na sociedade e na cultura como um todo. Esse impacto tornou-se mais intenso na passagem do século XX para o XXI, houve uma aceleração jamais vista nos processos de consumo e de comunicação, um aumento na interligação do mercado e da sociedade. Essas características perfazem o que se entende como “pós-moderno”. Com mais de um ano da pandemia de Covid-19, houve uma “quebra” no fluxo pós-moderno. Apesar de ainda não sabermos a totalidade dos impactos causados por ela, se pode considerar que a pandemia do Covid-19 se coloca como uma ruptura em nosso tempo. Não houve evento ou fenômeno no período recente que colocasse o modo de vida atual em risco iminente de colapso. Assim, a atual pandemia traz consigo a ambiguidade de poder ser contextualizada historicamente em uma série de outras epidemias e ainda ser uma ruptura dentro dessa contextualização, visto seus impactos nas conjunturas do mundo pós-moderno.

Palavras-chave: Pandemias; História; Covid-19, pós-modernismo.

Introdução

A pandemia do Coronavírus, surgida no início de 2020 na província de Hubei na China se alastrou rapidamente por todo o globo, demonstrou as fragilidades do mundo em que vivemos. Testou os limites das instituições bem como da sociedade. De imediato os impactos causados são de milhões de mortos, o aprofundamento das mazelas, um agravamento na economia mundial e uma incerteza de quando o vírus estará controlado. Em outras palavras, o Coronavírus foi um duro golpe no que aqui definimos como mundo pós-moderno. Em vista disso, o presente artigo busca tecer discussões acerca dos impactos do Covid-19. Para tanto, buscamos historicizar epidemias ocorridas desde o início do Século XX até o Coronavírus. Além disso, procuramos discutir o conceito de pós-modernismo e sua relação com a atual pandemia.

No caminhar da humanidade, a própria existência humana, como espécie animal, é muitas vezes eclipsada pela singularidade do que esse animal, dotado de um cérebro altamente produtivo e criativo, pode realizar em termos do que nos habituamos a chamar de “Cultura”. Somos sim um animal, um ser biológico que se desenvolveu, evoluiu e continua evoluindo na natureza, mas, de forma surpreendente e mesmo desconcertante, nos referimos à natureza como algo de certa forma separado de nós. Isso fica claro sempre que falamos de ambiente e natureza por um lado e de humanidade por outro lado, destacando as realizações humanas, especialmente a cultura e a tecnologia, do conjunto ecológico que compõem o planeta Terra. Mas o fato é que, toda a construção cultural humana acontece neste planeta e, grande parte do que a humanidade produz, busca exatamente explicar e situar a existência humana.

Dentre a produção cultural humana, existem as ciências e dentre as ciências, a História. O *Homo sapiens* ao longo da sua trajetória no planeta, aprendeu a perceber o tempo e a registrar e situar os fatos da vida, relacionando-os em uma sucessão linear de eventos que convenciamos dizer que acontecem em dias, meses, anos, eras e períodos. Assim, cada pessoa tem a sua história de vida, mas, como espécie que povoa todo o planeta, nós temos a história da humanidade. Nessa última, contamos e registramos os grandes acontecimentos relacionados a absolutamente tudo o que conseguimos perceber. Atualmente, estamos vivendo no que nossa contagem de tempo designa como século XXI e, ao mesmo tempo, estamos vivendo o que a partir da Filosofia e da História se convencionou chamar de período *pós-moderno*,

ou *pós-modernidade* ou, ainda, *pós-modernismo*. Esses três termos buscam exprimir o que compreendemos como as formas humanas de pensamento filosófico, de organização cultural, de relacionamento social e de integração da espécie humana com o planeta e todo o ambiente. Paradoxalmente, uma característica marcante do pós-modernismo é exatamente a ruptura com a rigidez da ideia de linearidade.

Neste artigo, propomos algumas reflexões sobre como a humanidade e a cultura pós-moderna estão reagindo diante de uma ocorrência de natureza biológica, que escapa aos “planos” humanos de isentar-se do fato de que somos uma espécie animal e estamos inevitavelmente ligados ao conjunto do ambiente planetário: um vírus letal está atingindo a vida do animal humano em todo o planeta. Não podemos simplesmente negar esse fato histórico. A pandemia que atinge o mundo nesse momento, tem sérias implicações sobre o modo de vida humano, nossas relações sociais, nossas prioridades, hábitos e comportamentos. A quantidade de pessoas infectadas, a quantidade de mortes e o tipo de morte provocada pela doença, são questões que têm abalado profundamente as relações humanas. Nesse momento, a História, como Ciência, nos convoca a lançar um olhar para nossa existência e refletir sobre o que nos levou a essa situação e o que podemos vislumbrar para o futuro. Partindo dessa perspectiva, nossa intenção com esse texto é contribuir, ainda que de forma modesta, na busca de respostas para a questão: qual o impacto da pandemia de coronavírus na história?

Dado o escopo deste trabalho, nossa proposição encaminha-se no sentido de suscitar reflexões e sistematizar algumas informações que julgamos serem úteis para subsidiar outros estudos que venham a ser propostos por outros autores.

As pandemias e os impactos na história

Há pouco mais de um ano, o mundo atentava-se para um novo vírus que surgia na cidade de Wuhan, capital da província de Hubei, localizada no sul da China (MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2020). A imprensa noticiava diariamente o aumento vertiginoso da quantidade de pessoas infectadas, o processo de quarentena da cidade e o desconhecimento do vírus, dotado de grande poder de transmissibilidade. Ainda sem saber ao certo todos os seus efeitos e complicações, o mundo se preocupava com esse novo vírus:

Essa evolução impressionante da doença – na sua capacidade de transmissão, no impacto que projeta para o futuro, no volume de recursos que mobiliza, e no seu caráter então desconhecido – são alguns dos elementos que levaram a sua caracterização como uma Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional – ESPII (ou Public Health Emergency of International Concern - PHEIC¹), pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 30 de janeiro (OPAS/OMS, 2020). Inicialmente, a pneumonia de causa desconhecida foi relatada pela primeira vez à OMS em 31 de dezembro de 2019. O surto foi declarado pela OMS uma PHEIC em janeiro de 2020². Em 11 de fevereiro de 2020, a OMS anunciou um nome para a nova doença de Coronavírus ou COVID-19 (MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2020, p. 226).

Desde a categorização pela Organização Mundial da Saúde (OMS) do status de PHEIC, passando pelo aumento descomunal no número de casos confirmados e óbitos pelo mundo, lançou-se a questão acerca do lugar da pandemia de Covid-19 na história. A interrupção abrupta do fluxo corrente atual ainda não tinha sido vivenciada nessas proporções:

Desde então, a vida em praticamente todo o planeta foi alterada: o ritmo urbano se transformou, ruas e lugares de encontro público se esvaziaram, aulas e diversas atividades foram suspensas, o comércio fechou as portas, pessoas se viram sem trabalho do dia para a noite. No mercado financeiro, as bolsas derreteram com o horizonte de crise econômica projetado e embates entre autoridades do governo e da saúde pública foram expostos aos holofotes. No campo político, as divergências foram reforçadas, esgarçando ainda mais os laços de convivência pública e colocando em evidência o já roto tecido social brasileiro (MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2020, p. 227).

Se evidenciou que a pandemia (ainda longe de controle) já tem o nome marcado como um dos grandes eventos na do tempo presente. O afã memorialístico acerca da pandemia e a profusão de fontes e materiais como jornais, artigos científicos, exposições, programas e outros arquivos materiais e imateriais (há um caso interessante a respeito, no Japão, mais precisamente na cidade de Urahoro, que passou a coletar itens ligados à pandemia, como material hospitalar e jornais)³, demonstram empenho de lembrar esse momento⁴.

1. Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional (Trad. do A.).

2. Link do anúncio da OMS. Disponível em: <https://bit.ly/3nB4wqU>. Acesso em: 13 jun. 21.

3. Museus no Japão coletam itens para registrar história da pandemia. Disponível em: <https://bit.ly/3cvnx7x>. Acesso em: 31 maio 2021.

4. Há inúmeras iniciativas em criar arquivos acerca das memórias e histórias da Pandemia de Covid-19, um deles é o «Memórias da Pandemia», da Universidade Federal de Alfenas (MG), um diário virtual com relato de diferentes pessoas contando suas experiências frente ao Coronavírus. Disponível em: <https://bit.ly/3qSKRVd>. Acesso em: 14 jun. 2021.

A magnitude da pandemia do Coronavírus pode ser aferida ao contextualizá-la historicamente. Limitando nosso recorte temporal a um ponto onde podemos encontrar informações mais bem contextualizadas, recuamos ao início do século passado, destacando inicialmente a Gripe espanhola, provocada pelo vírus *influenza*. *Ela foi a primeira grande pandemia do século XX e uma das maiores já registradas. Sua propagação se deu primeiramente na Europa ao fim de 1918, último ano da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), permanecendo até meados da década de 1920:*

[...] algumas pequenas notícias sobre um estranho mal começaram a aparecer nos jornais da capital federal, sem contudo despertar grande atenção das autoridades públicas e da população em geral. Desde o mês de maio, a Europa e a África eram assoladas por uma doença epidêmica, cujo diagnóstico era incerto. Inicialmente, ela acabou sendo confundida com diversas outras doenças, tais como cólera, dengue e tifo. Somente no final do mês de junho, vinda de Londres, obteve-se a informação de que se tratava de gripe ou influenza, e que já teria se alastrado por vários pontos da Europa. Percorreria o mundo em oito meses, matando entre cinquenta e cem milhões de pessoas e tornando-se o maior enigma da medicina (GOULART, 2005, p. 102).

No Brasil, o impacto também foi marcante, construções precárias (muitas delas “cortiços”) e medidas pouco assépticas, fortaleciam a proliferação de doenças⁵. Além disso, a desinformação e a censura por parte das autoridades acerca da doença dificultaram o entendimento sobre o desenvolvimento do vírus, bem como o emprego de medidas profiláticas e sanitárias, além da criação de banco de registros da doença no Brasil (GOULART, 2005). A Gripe espanhola inaugurou uma etapa na história recente das Pandemias. O impacto da *Influenza* mudou definitivamente o enfrentamento de doenças (BARRY, 2004)

A Gripe Espanhola iniciou uma série de epidemias no século XX, período que testemunhou um avanço tecnológico imenso na medicina. Além disso, os dados estatísticos tornaram-se mais precisos, postulando definitivamente uma nova era no combate às doenças. O vírus *Influenza* reapareceria nas décadas de 1950 e 1960 em duas pandemias de gripe. A primeira entre 1957-1958, chamada de *Gripe asiática*, causada pelo vírus H2N2, levou mais de 2 milhões de pessoas à morte. Em 1968-69, outra pandemia, desta vez foi a “Gripe de Hong Kong”, causada por outra variação do vírus *Influenza* (H3N2) e que deixou mais de 1

5. Além da Gripe espanhola, no início do século XX, o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, sofreu com outras epidemias, da Febre Amarela e da Varíola. N.A.

milhão de mortos. Em ambas as pandemias, houve, em comparação com a Gripe espanhola, um significativo progresso por parte da medicina, tanto na contenção do vírus quanto no desenvolvimento (em tempo recorde para a época) de uma vacina. Outro fator que atenuou o número de vítimas foi a menor virulência dos vírus, em relação à pandemia de 1918 (ANDRADE; *et. al.* 2009, p. 471).

Em sequência cronológica, outra epidemia de menor proporção, mas que colocou todo o mundo em atenção, foi do vírus Ebola, descoberto em 1976 no Zaire, mas que se alastrou pelos países da África Subsaariana:

Os primeiros surtos de febre hemorrágica provocados pelo vírus ocorreram quase simultaneamente em 1976, como foi referido, no sul do Sudão e a noroeste do Zaire, hoje República Democrática do Congo. Estes surtos foram provocados por duas espécies diferentes, designadas de SEBOV e ZEBOV. O primeiro caso no Sudão foi de um trabalhador numa fábrica de algodão que posteriormente foi a fonte de transmissão nosocomial no hospital de Maridi. Foram registados 284 casos com uma taxa de letalidade de 53% (TAVARES, 2015, p. 7).

Posteriormente, o Ebola foi controlado ainda na década de 1980. Por outro lado, voltaria a aparição de pequenos surtos nas décadas de 1990 e anos 2000, e, mais recentemente, entre 2013-2016. Muito das recorrências dos vírus acontecem devido a suas mutações e variações, essas mudanças são responsáveis por ciclos epidêmicos⁶. A “gripe aviária” ou “gripe do frango” provocada pelo vírus H5N1, ocorrida em 2003, seguiu esse ciclo epidêmico:

A primeira epidemia de gripe aviária, conhecida popularmente como gripe do frango, que acometeu seres humanos foi registrada em Hong Kong em 1997. Na época, 18 pessoas foram hospitalizadas, com 6 óbitos. Em fevereiro de 2003, mais 2 casos de gripe aviária em humanos, com 1 óbito, foram registrados em Hong Kong, em uma família que havia viajado recentemente para a China continental. Entre 2003 e 2007, mais de 20 países da Ásia, África e Europa registraram casos de gripe aviária em animais e aproximadamente 1,5 milhões de aves foram sacrificadas para a prevenção da disseminação do vírus. No entanto, a partir de 2003, as infecções em humanos começaram a ocorrer com maior frequência em vários países, sendo responsável por uma elevada taxa de mortalidade. Até 10 de setembro de 2008, a Organização Mundial de Saúde (OMS) registrou 387 casos confirmados em humanos, com 245 óbitos (ANDRADE *et al.*, 2009, p. 470).

6. As pandemias do vírus *Influenza* possuem um ciclo de frequência de 3 a 4 vezes por século (ANDRADE *et al.*, 2009; BLACK; ARMSTRONG, 2006).

O impacto da gripe aviária logo seria suplantado por mais uma variação do *Influenza*. Se no século XX houve o ciclo de três epidemias do *Influenza*, marcado pela gripe espanhola no início do século, a “gripe asiática” na década de 1950 e, na década seguinte, a “Gripe de Hong Kong”, no século XXI, a primeira grande epidemia ocorreu em 2009 no México, um surto local provocado pelo vírus H1N1 (*Influenza*) que logo foi propagado por todo o mundo. O aumento de casos no mundo levou a OMS, em junho de 2009, a classificar o surto como pandemia global (AUGUSTO *et al.*, 2020). A Gripe Suína durou pouco mais de 1 ano, o número de mortes varia entre 150 mil e 550 mil (DAWOOD *et al.*, 2012). Tal variação ocorre devido à dificuldade de registro da doença e às subnotificações, ocorridas principalmente nos países subdesenvolvidos.

Atualmente, o mundo enfrenta a pandemia do Covid-19, com mais de um ano de duração e sem perspectivas concretas de findar. Ao contextualizá-la, percebe-se sua magnitude, ainda mais se pensarmos nas epidemias ocorridas no tempo presente. Alguns fatores apontam para isso: o número elevado de mortos e de casos confirmados⁷ em comparação com as pandemias anteriores (como a gripe aviária e a gripe suína). O agravamento histórico das desigualdades no mundo (DIEHL, 2021), principalmente em países de estrutura deficitária, como os países da América Latina (NASCIMENTO, 2020), África e Ásia, onde a letalidade da pandemia foi maior:

Estudos, como o de Pires *et al.* (2020), vêm apontando como a COVID-19 impacta diferentemente os países e regiões mais pobres do mundo, visto que as populações de baixa renda usam com mais frequência o transporte público, possuem maior número de moradores por domicílio, têm menor acesso ao saneamento básico e saúde, além das dificuldades de manterem o isolamento social devido a suas características de emprego e renda (FARIAS; LEITE JÚNIOR, 2021, p. 5).

No Brasil, não foi diferente. A pandemia teve significativo impacto econômico e social, principalmente em grupos de maior vulnerabilidade social:

7. O número de casos confirmados em todo mundo passa de 217 milhões, já o número de mortos é de mais de 4,5 milhões até a data de 30 de agosto de 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3qVBFiV>. Acesso em: 30 ago. 2021. No Brasil, os números são: casos confirmados são mais de 20,7 milhões e de mortos mais de 579 mil pessoas até a data de 30 de agosto de 2021. Disponível em: <https://glo.bo/329P9NE>. Acesso em: 29 ago. 2021.

A taxa de desocupação no primeiro trimestre deste ano foi de 12,2%, representando um aumento de 1,3 pontos em relação ao trimestre anterior. A desocupação prejudica mais as mulheres que os homens, e mais as pessoas que se declaram pretas e pardas do que as brancas. O número de desalentados foi de 4,8 milhões de pessoas, sendo a Bahia o estado com maior contingente (778 mil), abrigando 16,3% do total nacional. O percentual de pessoas desalentadas foi de 4,3%, 0,2 pontos percentuais a mais que o quarto trimestre de 2019. Em relação ao trimestre anterior, a criação de novas vagas de emprego se reduziu em 2,3 milhões de janeiro a março de 2020, e a redução com relação ao mesmo trimestre de 2019 foi de 1,8 milhão. A população fora do mercado de trabalho (CASTRO *et al.*, 2020, p. 69).

Como é perceptível, a vulnerabilidade social permeia vários aspectos, como o acesso à saúde, à alimentação e à informação – elementos fundamentais na proteção social dos indivíduos. Outra questão emergente, que está ligada com a vulnerabilidade social, é o negacionismo científico. Uma prática de forte caráter ideológico e político que acarreta ainda mais na expansão e no agravamento da pandemia, essa prática foi e é recorrente em vários países, incluindo o Brasil (MOREL, 2021). Somada a isso, a pandemia também desencadeou outros retrocessos políticos, como a xenofobia, especialmente contra os asiáticos (chineses são o principal alvo) (KHALIL; KHALIL; CAETANO JUNIOR, 2021) e o nacionalismo, com o fechamento de fronteiras e com medidas anti-imigração (GEISSER, 2020). Esses fatores, juntos, oferecem uma noção da dimensão do Coronavírus e como ele desencadeou inúmeras outras questões complexas.

Esse cenário das pandemias na trajetória dos últimos 100 anos chama atenção por um outro fator em particular: a diminuição do intervalo entre cada ocorrência de um surto mundial de alguma doença. Retomando nossa abordagem inicial, sobre as questões do desenvolvimento da tecnologia e da cultura, não se pode negar que o século XX foi um período de invenções espetaculares no campo de todas as ciências (SEVCENKO, 2001). Muitas dessas invenções serviram para acelerar a comunicação humana e, mais do que isso, auxiliaram no aperfeiçoamento cada vez maior de invenções como o avião, os carros, os trens e os navios – reduzindo significativamente o tempo necessário para o deslocamento de pessoas, produtos e, porque não dizer, de doenças⁸. O vírus, descoberto na China, aproximadamente em agosto de 2019, levou cerca de seis meses para disseminar-se por praticamente todo o mundo.

8. “A explosão tecnológica, pode ser expressada pela Lei de Moore, que demonstrou um crescimento astronômico no que tange os progressos na tecnologia em recorte temporal que vai de 1959 a 1999” (SEVCENKO, 2001, p. 38).

Nos últimos 50 anos, a forma de produção e distribuição de bens de consumo mudou de modo radical o panorama do comércio, que passou a ser dominado por empresas transnacionais. As fronteiras tornaram-se mais flexíveis tanto à circulação de produtos, quanto de pessoas. Isso porque a sociedade pós-moderna, além de acelerada nos processos de comunicação, é também acelerada nos hábitos de consumo. Em tempos de relações líquidas (BAUMAN, 1998), o consumo é rápido e a circulação das mercadorias, da informação e das pessoas também. Assim, igualmente rápido foi o aumento da circulação de informações verdadeiras e falsas sobre a doença, todas misturadas em uma plataforma de acesso livre para grande parte da população mundial, a internet.

No cenário digital do século XXI, a internet e as redes sociais são amplamente usadas nos aparelhos celulares e assim alcançaram um controle ainda maior sobre a vida e as atividades das pessoas em todo o mundo. Com a pandemia da Covid-19 o controle digital chegou a um nível prático imaginado apenas como ficção, mas que, de fato, a partir de abril de 2020, começou a verificar-se na realidade. O perigo da disseminação do vírus e o medo infligido às populações motivou no mundo inteiro uma política de *lockdown* – protocolo de isolamento total. Estratégia que só se tornou viável e possível porque as pessoas, apesar de separadas fisicamente, privadas da maior parte das condições de trabalho e lazer, puderam encontrar nas redes digitais alternativas para trabalhar, estudar e até mesmo manter atividades de lazer e de relacionamento.

Comparativamente com o cenário das pandemias dos períodos anteriores, a realidade vivenciada desde 2019, motivada pela Covid-19, é talvez a que apresentará impactos mais duradouros e significativos a longo prazo nas relações sociais. Isso porque o cenário da comunicação digital e o isolamento social forçado, impulsionaram novas formas de trabalho e outros níveis de comportamento social em relação às atividades de estudos, lazer, consumo e mesmo produção cultural. Multiplicaram-se aplicativos para atendimento em praticamente todos os setores, flexibilizaram-se processos de cadastramento e autenticação de documentos, assim, a cadeia de negócios online se aperfeiçoou e se expandiu. Algumas “comodidades e conveniências” no comportamento das pessoas e das empresas, instaladas à força devido aos períodos de isolamento domiciliar, serão hábitos difíceis de serem modificados nos anos futuros.

Isto posto, para o entendimento do atual cenário pandêmico e seus impactos, recuar temporalmente proporciona-nos uma noção do impacto da Covid-19. Se levarmos em conta o salto tecnológico na área da saúde desde o século XX, (podemos dar como exemplo: o atual desenvolvimento de diversas vacinas em tempo recorde no combate à Covid-19), a sofisticação dos

meios tecnológicos na atualidade possibilitou frear diversas doenças, que em tempos passados fariam muito mais vítimas. Foi o caso do surto do Ebola de 2013-2016, que, devido às medidas sanitárias e ao controle epidemiológico, pode ser controlado. Se nos atentarmos às proporções, a até então maior epidemia no século XXI, a Gripe Suína ocorrida em 2009, proporcionalmente, teve impacto substancialmente menor se comparado a atual pandemia.

Ao contextualizar as epidemias entre os séculos XX e XXI, percebe-se uma diminuição na letalidade e no número de infectados. A pandemia de Covid-19 rompeu com essa sequência histórica, e, mais do que isso, ela é um evento que coloca em risco o “*modus operandi*” pós-moderno, uma vez que: evidenciou a fragilidade do Estado, do Mercado e aduziu a indiferença de muitas esferas do poder quanto aos efeitos danosos na estrutura econômica e social das populações – principalmente de grupos de menor renda e com maior vulnerabilidade social. Outro elemento que a pandemia enfraqueceu foi a previsibilidade quanto ao futuro e as diferentes variações do vírus. Assim, a ocorrência de inúmeros surtos ao redor do mundo desfocou o olhar para o futuro próximo.

Considerações finais

Ainda não é possível mensurar todos os efeitos que a pandemia do Coronavírus acarretou, até porque, ainda estamos vivendo o cenário da pandemia – com várias localidades no mundo em situação de *lockdown*. Muitas pessoas ainda estão aguardando a vacina e seguem com a economia sendo impactada, tanto pela situação de retração do comércio quanto pelo aumento do desemprego neste período de quase dois anos desde o início do surto pandêmico. A curto prazo, podemos indicar os impactos supracitados, porém, o que vem além ainda é incerto. Certo é que seu impacto ecoará por muito tempo, assim, a atual pandemia compartilha a lógica de ruptura e de continuidades, lembrando para a humanidade que apesar de todos adventos tecnológicos, não somos separados da natureza e somos demasiadamente frágeis.

Como mencionado no início, neste artigo buscamos tecer algumas considerações sobre o momento histórico que estamos vivendo. Convidamos outros pesquisadores a aprofundar os estudos sobre esse tema e suas implicações, lembrando que situar-nos em relação às possíveis ocorrências de pandemias é algo literalmente vital para a humanidade.

Referências

ANDRADE, Cláudia Ribeiro de; IBIAPINA, Cássio da Cunha; CHAMPS, Natália Silva; TOLEDO JUNIOR, Antonio Carlos Castro de; PICININ, Isabela Furtado de Mendonça. Gripe aviária: a ameaça do século XXI. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, Brasília, v.35, n.5, p.470-479. 2009.

AUGUSTO, Patrícia dos Santos; ENNES, Lilian D; MONTEIRO, Luana V.; MONTENEGRO, Hercília R. A. As Repercussões Históricas da Pandemia da Gripe Influenza A (H1N1) no Brasil]. **História da Enfermagem**, Rev. eletrônica, n.11, p. 28-38. 2020.

BARRY, John M. **The great influenza: the epic story of the deadliest plague in history**. New York: Viking, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BLACK, M., ARMSTRONG P. An introduction to avian and pandemic influenza. **NSW Public Health Bull.** Sidney, n.7, p.99-103. Jul./Aug. 2006.

CASTRO, Demian *et al.* **Brasil e o mundo diante da Covid-19 e a crise econômica**. Curitiba: UFPR, 2020.

DAWOOD, Fatimah S.; *et al.* Estimated global mortality associated with the first 12 months of 2009 pandemic influenza A H1N1 virus circulation: a modelling study external icon. **Lancet Infect Diseases**, v.12, n.9, p. 687-695, set. 2012

DIEHL, Diego Augusto. PANDEMIA E DESIGUALDADES SOCIAIS. **Insurgência**, Revista de direitos e movimentos sociais. Dossiê: Pandemia, direitos e movimentos sociais, Brasília, v.7, n.1, p.303-314. UNB

FARIAS, M. N; LEITE JÚNIOR, J. D. Vulnerabilidade social e Covid-19: considerações com base na terapia ocupacional social. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos-SP, v.29, 2021.

GEISSER, V., L'hygiéno-nationalisme, remède miracle à la pandémie? Populismes, racismes et complotismes autour du Covid-19., **Migrations Société**, Paris, n.180, p.3-18, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3nXRHSS>. Acesso em: 25 ago. 2021.

GOULART, Adriana da C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde**, Mangueiras, v.12, n.1, p. 01-42, jan./abr. 2005.

KHALIL, Omar. A. K.; KHALIL, Sara da Silva; CAETANO JUNIOR, Edmilson. Xenofobia: um velho sintoma de um novo Coronavírus. **Revista Thema**, Pelotas, n.20, p.132-142, 2021.

MARQUES, Rita de Cassia; SILVEIRA, Anne J.Torres; PIMENTA, Denise Nacif. A PANDEMIA DE COVID-19: Interseções e desafios para a História da saúde e do Tempo Presente. **Coleção História do Tempo Presente**, Roraima, v.3, p. 225-249, 2020.

MOREL, Ana P. M. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021, p.1-14.

NASCIMENTO, Paulo Maurício. América Latina e os impactos estruturais causados pela Covid-19. **Cadernos do Tempo Presente**, Recife, v.9 n.2, p. 28-43, jul-dez. 2020.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**, no loop da montanha russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TAVARES, Carolina Maia Silvério de Castro. **Ebolavírus, passado, presente e futuro**. 2015. 69 f. Dissertação (Mestrado em ciências farmacêuticas) - Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2015.

Sobre os autores

Ian Pogan. Graduado em História pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), atualmente cursa especialização em História e Cultura Afro-brasileira pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci. É membro do grupo de estudos Imbricamentos de Linguagem da UNIVILLE. E-mail: ian.pogan@ielusc.br.

Sebastião Gonçalves Feitosa. Formado em Composição e Regência pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Educação pela mesma instituição. É doutorando em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), instituição na qual também é graduando em Psicologia. Tem experiência nas áreas de música, jornalismo e educação. É membro do grupo de estudos Imbricamentos de Linguagem da UNIVILLE. E-mail: sebgofe@gmail.com